



3º Domingo de Páscoa (25/04/04)

1ª leitura (Antigo Testamento) - Jeremias 32:36-41

O profeta Jeremias era natural de Anatote onde houve, numa época, um santuário dedicado a Javé e que era cuidado pela família do profeta (cf. Jr 1:1, seu pai era Hilquias, um dos sacerdotes de Anatote). Jeremias passa por três momentos da história de Israel:

A época do rei Josias que tinha estendido o território de Israel para além dos limites do reino de Salomão e feito o Templo alcançar seu maior esplendor (2 Rs 22-23).

A época após a morte do rei Josias em 620 a.C. Mas sua morte não abalou os confiantes jerusalemitas que se achavam intocáveis (cf. Jr 5:11-12 e 7:4).

A queda de Judá e Jerusalém na mão dos Babilônicos com a destruição do Templo e exílio das elites do país (587 a.C., cf. 29:1-3).

O texto deste domingo reflete o terceiro período, onde Jeremias após ter visto o fim do santuário local de Anatote, ter sido perseguido como traidor, ter visto a destruição do Templo e a deportação dos seus perseguidores, vê finalmente a chance de um recomeço junto com o povo pobre que ficou na Palestina.

Jeremias marca esse recomeço comprando um terreno, ou melhor, resgatando um terreno que pertencia a sua família em Anatote (32:1-26). O texto deste domingo vem imediatamente após esse episódio. Deus pede para o povo pobre que ficou, totalmente confuso e dominado por um império estrangeiro, que tenha confiança. Deus ainda lhes ama e se confiarem no seu poder (v.38,40-41) e amor poderão viver em paz (v.37) e ter uma terra onde trabalhar (43-44). Este alento era necessário porque o povo foi levado a acreditar durante muitos anos que Deus estava no Templo a ponto de crer que, com a destruição do Templo ficariam sem Deus. Ao afirmar que a Aliança Eterna permanece com seu povo Jeremias esclarece que Deus continua lá, mesmo sem os sacerdotes deportados e sem o Templo destruído (v. 40- 41!).

A vida de fé de Jeremias aconteceu no meio de coisas erguidas e destruídas (cf. 1,10), com fins e recomeços. Sobre quais bases está construída nossa fé: a prosperidade dos ricos, os templos e instituições religiosas? Sobre algum sentimento de superioridade, sobre nossa própria segurança e bem-estar? Qual a fé que nos ensina Jesus ao morrer e ressuscitar? (HMG)

2ª leitura – Apocalipse 5.6-14

O trecho escolhido para este domingo se refere à adoração no céu precedida de uma chamada para entrar no céu (4.1). Após a subida ao cenário celeste pelo Espírito Santo (aqui algo semelhante ao *Sursum Corda*: "Elevai os corações, ao Senhor os elevamos"), João vê diante do trono de Deus toda a criação em louvor a Deus (4.1ss.). E chega repentinamente o momento suspenso da indagação: quem poderá abrir o Livro e interpreta-lo? (5.1ss). Diante desse suspense João chora, mas ouve de um dos anciãos dizer: "eis que o Leão da tribo de Judá, Raiz de Davi, venceu para



abrir o livro...". E acontece uma grande surpresa e novidade. Não é o Leão, mas o Cordeiro cercado de símbolos do Antigo Testamento e do Novo Testamento. Ai começa o trecho designado para este domingo.

Vs6 - Aqui cabe uma breve menção ao Leão de Judá. O termo parece indicar coragem e força e até ferocidade. Em Isaias 38.13, Oséias 5.14 e 13.8 a ferocidade despedaçadora do leão é a metáfora do julgamento de Deus. Ao passo que a força, a coragem doadora em favor de outrem se encontra, por exemplo, no Servo Sofredor em Isaias 53. No contexto dos símbolos, tudo indica que a Palavra de Deus tem sua centralidade na doação de Jesus Cristo. Como Cordeiro Ele lê as Escrituras. O Cordeiro é o ressuscitado. Por isso, o destino do mundo não é a morte, mas a vida. E o Espírito vivificador está centrado no Cordeiro. A atividade do Espírito Santo é tornar presente o Cristo no mundo e nas pessoas. Ai está o memorial do Cordeiro que inclui a esperança escatológica. Ai está a chave da leitura das Escrituras, em que não excluem mutuamente a criação e redenção. Pois o Criador é Redentor e o Redentor é o Criador. Sob essa perspectiva que se vive no mundo.

A presença do Cordeiro leva toda a congregação celeste ao louvor e ação de graças. O Salmo 33 fala no novo canto. Este louvor nos lembra uma parte da Oração Eucarística: "fizeste-nos dignos de estar na tua presença" e também, a doxologia final.

Vs. 13 - O louvor, a honra, a glória e o poder pertencem àquele que está sentado no trono e ao Cordeiro, (ver Fp 2.6ss.), isto nos sugere que o que se diz sobre Deus é visto sob a perspectiva do Cordeiro - ("Ó Deus, cuja onipotência se revela principalmente em misericórdia e compaixão..." - Coleta do próprio 21, LOC, p.133). A doxologia é, também desafiadora para nós hoje, sobretudo quando muitos exaltam a ciência, tecnologia, a administração, etc. Não que elas sejam desprezíveis ou demoníacas, Ao contrário, são apreciáveis e até benéficas, e não devemos ter atitudes negativas e obscurantistas, mas são "criaturas" e como criaturas não podem receber a glória indevida. É nisso que está o testemunho bíblico. A ressurreição de Jesus Cristo nos abre a perspectiva cristã da adoração a Deus e o viver conseqüente da adoração uns com os outros. (ST)

2º comentário - Apocalipse 5:6-10

Normalmente, quando estamos dispostos a comprar um animalzinho de estimação para nossos filhos, buscamos um animal que se adapte a certas realidades. Se moramos em apartamentos não podemos buscar um animal de grande porte nem um que faça muito barulho. Se for para ficar com crianças usualmente evitamos animais estressados ou violentos. Se quisermos um animal que monte guarda não adiantará comprar um gatinho. Se quisermos um animal de carga não adiantará comprar um papagaio. A ocasião e o propósito deverão, com toda certeza nortear e orientar a escolha.

O texto que lemos quebra esta regra. O contexto nos prepara para uma cena magnífica em que Deus intervirá na história por meio de um enviado que é, nos versos anteriores identificado com a imagem de um leão. Quantos brasões militares não continham leões desenhados? O leão é, essencialmente, um animal que conquista



e que domina. Mais eis que no início deste parágrafo, a imagem muda. Desaparece o leão e surge o cordeiro. Um cordeiro, pela lógica, seria o último animal que deveria ser usado para traduzir a figura de um conquistador valente que toma a história em suas mãos. Edward McDowell nos diz que "o cordeiro é o símbolo da fraqueza e da inocência". Mas então, porque ele é usado aqui? Os exegetas entendem que a utilização do cordeiro se faz, para ressaltar e evidenciar o caráter paradoxal da redenção e da cruz. A vitória, segundo este texto, pertence ao cordeiro. Mas isto nos faz fazer uma pergunta que servirá de tema para nossa meditação hoje: **quem é o cordeiro?** O texto que lemos nos mostra pelo menos quatro verdades sobre este cordeiro e a primeira verdade que nos é revelada no contexto mostra **sua origem**.

Lendo o verso 6 compreendemos algumas verdades sobre a origem do cordeiro. Aqui lemos que ele estava no meio do trono, dos quatro seres viventes e entre os anciãos. Deste texto é lícito deduzir que ele surge no centro e a partir do centro da cena. Ele possui uma relação privilegiada com o trono, ou seja, com o Todo-poderoso, o que ressalta seu caráter divino; mas ele também é descrito como estando no meio do séqüito composto por anciãos, animais e anjos. E isto aponta para sua humanidade e fragilidade. O importante é perceber que o cordeiro não surge como um dentre os anciãos nem como um dentre os animais nem ainda como um dentre os anjos que se pronunciam na cena. Ele é, conforme nos dizia João Batista, o cordeiro *de Deus*. E ao dizer isso, o Batista falava de sua procedência divina. Ele foi apresentado pelo próprio Deus para invadir nossa história e conquistar um povo para si. Um povo que sofre, mas que adora e glorifica ao que está sentado no trono e ao cordeiro.

Uma segunda verdade acerca deste cordeiro pode ser deduzida do verso 7. Aqui, a pergunta "quem é o cordeiro" encontra pistas na segunda verdade: **Sua capacidade**. Este versículo, ao descrever o cordeiro nos diz algo intrigante: afirma que ele possui sete chifres e sete olhos. Já sabemos que o número sete na literatura apocalíptica e cabalística judaica apontava para uma realidade divina perfeita. Por isso se diz que é o número da perfeição. Sabemos também que o chifre é um sinal judaico para a autoridade. Daí deduzirmos que o cordeiro possuía uma autoridade plena e uma sabedoria plena, vez que tinha uma visão perfeita tipificada nos sete olhos. O cordeiro é aquele que sabe tudo e que pode tudo! A onipotência e a onisciência do cordeiro estão sendo expostas aqui.

A terceira verdade que este texto nos revela diz respeito a **sua atitude**. Os gestos revelam muito da pessoa. O cordeiro é apresentado por João com algumas expressões importantes. No verso 6 se diz que ele está em pé, indicando sua postura ereta e de prontidão para fazer o que precisa ser feito; o verso 7 nos diz que ele tomou o livro da mão direita daquele que estava sentado no trono. Este gesto revela o acesso que o cordeiro tem ao trono do Todo-poderoso; e revela também sua postura de conquista, que destoa de sua condição de cordeiro, mas que revela os mistérios e a paradoxidade dos planos de Deus; finalmente seus gestos produzem adoração e louvor. Os versos 8 e 9 nos mostram que diante das atitudes fortes e decididas do cordeiro, o clima de expectativa e até de tristeza e decepção com que o capítulo inicia, é substituída por um momento de júbilo e de adoração ao Todo-poderoso e ao cordeiro, condensado em um lindo cântico.



Finalmente, se queremos saber quem é o cordeiro devemos olhar para **sua autoridade**. O cântico transcrito nos versos 9 e 10 mostra com que autoridade o cordeiro pode fazer o que fez. Os versículos nos dizem que foi ele quem "morreu"; nos dizem que foi ele quem "comprou" e nos dizem que foi ele quem "constituiu" reis e sacerdotes. Ao morrer, o cordeiro venceu a morte com sua própria morte. Ao derramar seu precioso sangue sobre a cruz, ele "comprou" ou "adquiriu" para si e por seus méritos, os que procedem de todas as tribos, raças, povos e nações. A Igreja foi comprada por precioso preço. Finalmente foi ele quem nos "constituiu" ou nos "instalou" numa posição que compartilha de seu reinado e de seu sacerdócio.

Muitos anos atrás, uma irmã de minha igreja compartilhou comigo que estaria, juntamente com outras amigas, concorrendo a uma vaga de professora no jardim de infância de uma grande escola evangélica da cidade. Segundo ela me falou, a prova consistiria na confecção de uma material especial para ser utilizado no período da páscoa pelas crianças daquela instituição. No mesmo instante me ocorreu uma sugestão. Disse para a irmã que, caso ela tenha mesmo que produzir algo para as crianças, ela deveria confeccionar algo com forma ou imagem de um cordeiro. Isto porque durante a páscoa a imagem que mais se vende é a do coelhinho da páscoa. Como cristã ela seguiu minha orientação, e foi a única a ser aprovada. Embora num período tão importante para nossa vida espiritual, como é a páscoa, muitos cristãos se esqueçam do cordeiro, não podemos esquecer das instruções que João Batista nos dá diante do Jordão. Ao ver Jesus se aproximando para o batismo João olha para ele e proclama "eis o cordeiro de Deus!" João Batista apresenta o cordeiro para a multidão. Como igreja, não temos outro caminho a não ser seguir o exemplo do Batista. Ou seja, proclamar que Jesus é o cordeiro. E assim o é, em função de sua origem, de sua capacitação, de suas atitudes e de sua autoridade. Que o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo, nos guie em direção ao trono do Todo-poderoso. (JLFA)

Santo Evangelho - João 21:1-14

"Jesus disse: - Venham comer".

"Nenhum deles tinha coragem de perguntar quem ele era. E que já sabiam que era o Senhor".

O cap. 21 de João é considerado pelos hermeneutas como um acréscimo posterior ao Evangelho. Provavelmente a idéia de acrescentá-lo teria sido não só para marcar a reconciliação de Simão Pedro com Jesus como para firmar o símbolo básico da fé cristã que está no Sacramento da Eucaristia.

É através de uma refeição que o Senhor é reconhecido. É a refeição que une a comunidade do povo de Deus. Comendo pão e peixe juntos, é quando juntamos o atendimento a uma necessidade básica da vida que é a alimentação, com o momento em que vamos trocar experiências espirituais através do estar juntos e do diálogo. A mesa é o ponto de reunião e nela podemos nos encontrar e nos desencontrar. Mas



nesta mesa específica da Eucaristia a reunião do homem com Deus e com os outros homens é realizada.

Nossa fé é social. Ela não é vivida somente no isolamento. Jesus perdeu sua vida por causa dos outros, mas pela Ressurreição ele recupera sua vida com outros.

Quais são as conseqüências disso? Precisamos ter paciência e o dom de aceitarmos os outros como eles são. Tal dom só pode ser recebido através do Espírito. Aquele mesmo Espírito que fez com que os pescadores vissem na praia o Senhor Jesus que preparava uma refeição. (GSL)

2º comentário – João 21.1-14

Há debates se o capítulo 21 foi adicionado posteriormente por um outro redator, por causa do 20.31 - "estes porém foram registrados"... Independentemente se foi ou não, o capítulo 21 está transferindo a atenção dos ouvintes e leitores da narrativa dos que viram Jesus para a experiência de vida para os que não viram, mas crêem (20.29), isto é, a vida da Igreja e sua missão.

Jesus se manifesta aos discípulos na pesca maravilhosa (vs. 2-8) e no diálogo na refeição com eles (vs. 9ss). A narrativa está cheia de símbolos vivos. Ela parece com a pescaria em Lucas (5.11ss). Primeiramente, sua epifania não foi reconhecida. Com a interpelação: "tendes alguma coisa a comer?... Lançai a rede...", o discípulo amado foi levado a reconhecê-lo. Jesus e a acolhida à mesa, principalmente, dos abandonados, excluídos e oprimidos estão estreitamente associados. Essa narrativa está ligada com a ação pastoral da Igreja e ela ocorre com a presença do Ressuscitado. Estão aí sete discípulos (vs. 2). O sete implica no inteiro. Eles representam a Igreja como um todo. O tema da água está presente, também. A água lembra o Batismo.

Há quem chame atenção para o verbo (em grego *elko*) empregado aí para dizer "arrastar" ou "puxar" nos vs. 6 e 11, e que aparece também em 6.44 e 12.32 para se referir à ação divina - "E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim". Aí está a fonte inesgotável da missão da Igreja de reunir as pessoas para comer e beber com Jesus sendo alimentadas pela doação que nunca se esgota e ter uma existência ética sob essa perspectiva no período marcado pelo "já" e o "ainda não".

A Coleta fala na revelação do Cristo na Eucaristia. A Oração Eucarística A (pg. 81ss do LOC) parece ser mais adequada para este domingo. (ST)